

CAPÍTULO 1

Xander

*T*oda manhã o sol se levanta e torna a Terra vermelha, e eu penso: esse poderia ser o dia em que tudo muda. Talvez hoje a Sociedade caia. Então a noite vem novamente, e todos nós ainda esperamos. Mas eu sei que o Piloto é real.

Três Oficiais caminham até a porta de uma pequena casa, ao pôr do sol. A casa se parece com todas as outras na rua: duas persianas em cada uma das três janelas dianteiras, cinco passos até a porta, e um pequeno e espinhoso arbusto plantado à direita do caminho.

O mais velho dos Oficiais, um homem grisalho, levanta a mão para bater.
Um. Dois. Três.

Os Oficiais estão tão próximos ao vidro que posso ver a insígnia arredondada costurada no bolso direito do uniforme do Oficial mais jovem. O círculo é vermelho-vivo e parece uma gota de sangue.

Eu sorrio e ele sorri de volta, porque o Oficial sou eu.

No passado, a Cerimônia Oficial era uma grande ocasião na Prefeitura. A sociedade oferecia um jantar formal e você podia trazer seus pais e seu Par com você. Mas a Cerimônia Oficial não é uma das três grandes cerimônias — o Dia de Boas-vindas, o Banquete do Par e a Celebração Final —, então não é o que costumava ser.

A Sociedade começou a cortar excessos onde podia e presumiu que os Oficiais fossem leais o suficiente para não reclamar de sua cerimônia perder alguns dos aparatos.

Eu e mais quatro ficamos lá, todos em uniformes brancos novos. O Oficial principal prendeu a insígnia no meu bolso: o círculo vermelho representando o Departamento Médico. E então, com nossas vozes ecoando sob a cúpula do Salão quase vazio, todos nos comprometemos com a Sociedade e juramos alcançar nosso potencial definido por ela. Isso foi tudo. Não liguei de

a cerimônia não ter sido nada especial. Porque não sou um Oficial *de verdade*. Quer dizer, eu sou, mas minha verdadeira lealdade é com a Insurreição.

Uma garota usando um vestido violeta passa apressada pela calçada atrás de nós. Vejo o reflexo na janela. Ela caminha com a cabeça baixa, como se estivesse torcendo para que nós não a notássemos. Os pais vêm atrás; os três vão em direção à plataforma do trem aéreo mais próximo. É dia 15, então o Banquete do Par é essa noite. Não faz nem um ano que eu subi a escadaria da Prefeitura com Cassia. Nós dois estamos muito longe de Oria agora.

Uma mulher abre a porta da casa. Ela está segurando seu novo bebê, aquele que estamos aqui para nomear.

— Por favor, entrem — ela nos saúda. — Estávamos esperando vocês.

A mulher parece cansada, mesmo naquele que deveria ser um dos dias mais felizes da sua vida. A Sociedade não fala muito sobre isso, mas as coisas são mais difíceis nas Províncias Exteriores. Os recursos parecem começar no Centro e então escoar para o resto. Tudo aqui na Província de Camas parece meio sujo e usado.

Depois que a porta se fecha atrás de nós, a mãe nos mostra o bebê.

— Está fazendo sete dias hoje — conta-nos ela, mas é claro que já sabemos.

É por isso que estamos aqui. Celebrações de Boas-vindas são sempre realizadas uma semana após o nascimento do bebê.

Os olhos do bebê estão fechados, mas sabemos pelos dados que a cor é um azul profundo. Seu cabelo, castanho. Também sabemos que ele chegou na data prevista e que sob a manta, firmemente embrulhada, ele tem dez dedos nas mãos e dez nos pés. A amostra de tecido inicial, tirada no centro médico, estava excelente.

— Estão todos prontos para começar? — pergunta o Oficial Brewer.

Como Oficial sênior em nossa Comitativa, ele está no comando. Sua voz tem o equilíbrio exato entre benevolência e autoridade. Ele já fez isso centenas de vezes. Fiquei me perguntando antes se o Oficial Brewer poderia ser o Piloto. Ele certamente se encaixa. E é muito organizado e eficiente.

Claro, o Piloto poderia ser qualquer um.

Os pais assentem.

— De acordo com os dados, está faltando um irmão mais velho — avisa com voz gentil a Oficial Lei, a segunda no comando. — Vocês querem que ele esteja presente na cerimônia?

— Ele ficou cansado depois do jantar — explica a mãe, se desculpando.

— Mal podia manter os olhos abertos. Coloquei-o na cama mais cedo.

— Não há problema, claro — informa a Oficial Lei.

Já que o garotinho só tem dois anos, o espaçamento quase perfeito entre irmãos, não é exigido que ele se apresente. Não é algo de que ele vá se lembrar mesmo.

— Que nome vocês escolheram? — pergunta o Oficial Brewer, se aproximando do terminal no vestíbulo.

— Ory — fala a mãe.

O Oficial Brewer digita o nome no terminal e a mãe troca o bebê ligeiramente de posição.

— Ory — repete o Oficial Brewer. — E para o nome do meio?

— Burton — informa o pai. — Um nome de família.

A Oficial Lei sorri.

— É um nome adorável.

— Venham ver como ficou — convida o Oficial Brewer.

Os pais se aproximam do terminal para ver o nome do bebê: ORY BURTON FARNSWORTH. Abaixo das palavras está o código de barras que a Sociedade designou para ele. Se ele levar uma vida ideal, a Sociedade planeja usar o mesmo código de barras para marcar sua amostra de preservação de tecido em seu Banquete Final.

Mas a Sociedade não vai durar tanto assim.

— Vou registrar agora — avisa o Oficial Brewer —, se não houver nenhuma mudança ou alteração que vocês queiram fazer.

A mãe e o pai se aproximam para verificar o nome uma última vez. A mãe sorri e segura o bebê próximo à tela do terminal, como se ele pudesse ler o próprio nome.

O Oficial Brewer olha para mim.

— Oficial Carrow — diz —, é hora do comprimido.

Minha vez.

— Nós temos que dar o comprimido em frente ao terminal — relembro aos pais.

A mãe segura Ory ainda mais alto, de modo que a cabeça e o rosto do bebê estejam claramente visíveis para que a tela do terminal possa gravar. Eu sempre gostei da aparência dos pequenos comprimidos à prova de doenças que damos nas cerimônias de Boas-vindas. Esses comprimidos são redondos, e feitos do que parecem três minúsculas fatias de pizza: um terço azul, um terço verde e um terço vermelho. Embora o conteúdo desse comprimido seja completamente diferente daqueles três comprimidos que o bebê carregará depois, o uso das mesmas cores representa a vida que ele vai ter na Sociedade. O comprimido à prova de doenças parece infantil e colorido. Eles sempre me lembram das paletas de pintura dos tempos da Primeira Escola.

A Sociedade dá o comprimido a todos os bebês, para mantê-los a salvo de doenças e infecções. O comprimido à prova de doenças é fácil de ser tomado

pelos bebês. Ele se dissolve instantaneamente. É muito mais humanitário do que as vacinas que as sociedades anteriores costumavam dar, quando colocavam uma agulha direto na pele dos bebês. Mesmo a Insurreição planeja manter a administração dos comprimidos à prova de doenças quando estiver no poder, mas com algumas modificações.

O bebê se agita quando desembulho o comprimido.

— Você se incomoda de abrir a boca dele para mim? — pergunto à mãe.

Quando ela tenta abrir sua boca, o bebê vira a cabeça procurando por comida e tentando sugar. Todos rimos, e enquanto sua boca está aberta, coloco o comprimido lá dentro. Ele se dissolve completamente na língua. Agora temos que esperar que engula, o que ele faz: bem na hora.

— Ory Burton Farnsworth — anuncia o Oficial Brewer —, nós lhe damos as boas-vindas à Sociedade.

— Obrigado — agradecem os pais ao mesmo tempo.

A substituição correu perfeitamente, como de costume.

A Oficial Lei dá uma olhadela para mim e sorri. Seu cabelo preto longo desliza sobre o ombro. Às vezes me pergunto se ela faz parte da rebelião também, e se sabe o que estou fazendo — substituindo os comprimidos à prova de doenças por aqueles que a Insurreição me deu. Quase toda criança nascida nas Províncias, nos últimos dois anos, tomou uma das imunizações da Insurreição, ao invés de uma da Sociedade. Outros trabalhadores da Insurreição como eu têm feito a troca.

Graças à Insurreição, esse bebê não será apenas imune à maioria das doenças. Ele também será imune ao comprimido vermelho, assim a Sociedade não poderá tirar suas memórias. Alguém fez isso por mim quando eu era um bebê. Fizeram o mesmo por Ky. E provavelmente por Cassia.

Anos atrás, a Insurreição se infiltrou nos laboratórios onde a Sociedade produz os comprimidos à prova de doenças. Então, além dos comprimidos feitos de acordo com a fórmula da Sociedade, existem outros feitos pela Insurreição. Nossos comprimidos incluem tudo o que a Sociedade usa, além da imunidade ao comprimido vermelho e mais algumas coisas.

Quando nós nascemos, a Insurreição não tinha recursos suficientes para fazer novos comprimidos para todo mundo. Eles tinham que escolher apenas alguns de nós, baseado em quem achavam que poderia lhes ser útil mais tarde. Agora eles finalmente têm o suficiente para todos.

A Insurreição é para todos.

E eles — nós — não vão falhar.

* * *

Já que a calçada é estreita, ando atrás do Oficial Brewer e da Oficial Lei em nosso caminho de volta ao carro aéreo. Outra família com uma filha usando vestimentas do Banquete se apressa descendo a rua. Eles estão atrasados e a mãe não está feliz.

— Eu avisei *várias vezes* — diz ela ao pai, e então nos avista e para de repente.

— Olá — cumprimento quando eles passam. — Parabéns.

— Quando você vai ver de novo o *seu* par? — pergunta a Oficial Lei.

— Não sei — respondo. — A Sociedade ainda não agendou nossa próxima comunicação terminal-a-terminal.

A Oficial Lei é um pouco mais velha do que eu: tem pelo menos 21, porque celebrou seu Contrato Matrimonial. Desde que eu a conheço seu marido está fora, com o Exército, alocado em algum lugar na borda das Fronteiras. Não posso perguntar a ela quando ele deve retornar. Esse tipo de informação é confidencial. Acho que nem a Oficial Lei sabe quando o marido vai voltar.

A Sociedade não gosta que sejamos muito específicos quando falamos sobre designações de trabalho com os outros. Cassia sabe que sou um Oficial, mas não sabe exatamente o que eu faço. Existem Oficiais em todos os diferentes departamentos na Sociedade.

A Sociedade treina muitos tipos de trabalhadores no centro médico. Todos conhecem o pessoal médico, porque podem diagnosticar e auxiliar as pessoas. Há também cirurgiões que operam, farmacêuticos que produzem remédios, enfermeiras que dão assistência, e curadores como eu.

Nosso trabalho é inspecionar aspectos do campo médico — por exemplo, administrar centros médicos. Ou, se nos tornamos Oficiais, normalmente somos convidados a servir em Comitativas, que é o que eu faço. Nós cuidamos da distribuição de comprimidos para crianças e damos assistência na coleta de tecido, nos Banquetes Finais. De acordo com a Sociedade, essa designação é uma das mais importantes que um Oficial pode ter.

— Que cor ela escolheu? — indaga a Oficial Lei, conforme nos aproximamos do carro aéreo.

Por um momento não sei o que ela quer dizer, e então percebo que está perguntando sobre o vestido de Cassia.

— Ela escolheu o verde — conto. — Estava linda.

Alguém grita, e viramos os três ao mesmo tempo. É o pai do bebê, correndo em nossa direção o mais rápido que pode.

— Não consigo acordar meu filho mais velho — berra ele. — Fui ver se ele ainda estava dormindo e alguma coisa está errada.

— Chame o pessoal médico no terminal — berra de volta o Oficial Brewer, e nós três corremos o mais rápido possível para a casa.

Entramos sem bater e nos dirigimos para os fundos, onde sempre são os quartos. A Oficial Lei coloca a mão na parede para se equilibrar, antes de o Oficial Brewer abrir a porta.

— Tudo bem? — pergunto a ela.

Ela confirma com a cabeça.

— Oi — diz o Oficial Brewer.

A mãe olha para nós, seu rosto pálido. Ela ainda segura o bebê. A outra criança estendida na cama não se move nem um pouco.

O menino está deitado de lado, as costas viradas para nós. Está respirando, mas lentamente, e as roupas comuns caem um pouco frouxas em volta do pescoço. A cor da pele parece saudável. Há uma pequena marca vermelha entre as escápulas, e eu sinto uma onda de pena e exultação.

É isso.

A Insurreição disse que seria assim.

Tenho que me forçar a não espiar os outros no quarto. *Quem mais sabe?* Alguém aqui é parte da Insurreição? Eles viram a informação que eu vi, sobre como a rebelião irá acontecer?

Embora o período de incubação possa variar, uma vez que a doença se manifeste o paciente se deteriora rapidamente. Fala arrastada é seguida de um declínio até um estado quase comatoso. O sinal mais evidente do vírus vivo, Praga, é de uma ou mais pequenas marcas vermelhas nas costas do paciente. Assim que a Praga tiver feito avanços significativos na população geral, e não puder mais ser ocultada pela Sociedade, a Insurreição começará.

— O que é isso? — indaga a mãe. — Ele está doente?

De novo, nós três nos movemos ao mesmo tempo. A Oficial Lei alcança o pulso do menino para medir a pulsação. O Oficial Brewer se vira para a mulher. Tento bloquear a visão dela da criança estirada imóvel na cama. Até *saber* que a Insurreição está em progresso, tenho que proceder normalmente.

— Ele está respirando — avisa o Oficial Brewer.

— O pulso está bom — constata a Oficial Lei.

— O pessoal médico vai estar aqui logo — acalmo a mãe.

— *Vocês* não podem fazer nada por ele? — pede a mulher. — Remédios, tratamento...

— Sinto muito — lamenta o Oficial Brewer. — Precisamos chegar ao centro médico antes de poder fazer mais.

— Mas ele está estável — informo a ela. *Não se preocupe, quero acrescentar. A Insurreição tem uma cura.*

Espero que ela possa ouvir o som da esperança em minha voz, já que não posso dizer a ela em voz alta *como* eu sei que tudo vai dar certo.

É isso. O começo da Insurreição.

Uma vez que a Insurreição assuma o poder, nós seremos capazes de escolher. Quem sabe o que pode acontecer então? Quando eu beijei Cassia, no Bairro, ela prendeu a respiração e eu acho que foi pela surpresa. Não pelo beijo: ela sabia que estava vindo. Acho que ela ficou surpresa pelo modo como se sentiu.

Logo que eu puder, quero dizer a ela pessoalmente: *Cassia, estou apaixonado por você e quero você. Então, o que precisa para você sentir o mesmo? Um mundo completamente novo?*

Porque isso é o que vamos ter.

A mãe se aproxima um pouquinho de nada da criança.

— É que — diz ela, e sua voz falha —, ele está tão *imóvel*.